

- 1. PORTÃO DE FERRO** – Pertencia a Fazenda Bandeira, seu dono foi Amando de Oliveira, que adquiriu do sr. José Luís Pereira. A fazenda era dividida em internadas regulares para melhor manejo do gado, que ali ficava. Para o confinamento, usava-se cimbras, mas sempre deixavam aberta e o gado escapava, depois colocaram porteira de varas, e por último um Portão de Ferro. A atual Avenida Bandeirantes era a mais importante estrada da saída da Vila, para a fronteira, para Nioaque e, portanto, para as fazendas da Vacaria e até para estrada boiadeira que demandava para São Paulo. Hoje o Portão de Ferro se localiza, mais ou menos, na altura do prédio da Enersul (Energiza), na Avenida Bandeirantes.

- 2. CABEÇA DE BOI** – Atualmente recebe o nome de Praça Cuiabá, foi construída em 1960, sendo conhecida como Cabeça de Boi, devido ao dono de um açougue, que colocou uma cabeça de boi na porta do seu estabelecimento comercial. Dentro da Praça Cuiabá, está um Coreto, inaugurado por volta de 1930, sendo o único marco remanescente do traçado topográfico elaborado na década de 1920, quando o local era ponto de intercessão de várias ruas para acesso à região dos quartéis e vila militar.

- 3. FEIRA CENTRAL** – Fundada por Decreto em 04 de maio de 1925, pelo Intendente Municipal Arnaldo Estevão de Figueiredo. O primeiro local foi na Rua Afonso Pena, hoje Rua 26 de Agosto, e funcionava aos sábados. A feirona ainda iria passar pelas Ruas Pedro Celestino e Antonio Maria Coelho, mas em 1966, através do Decreto do Prefeito Antonio Mendes Canale, fixaria lugar por muitas décadas, nas Ruas José Antonio, João Crippa e Abrão Júlio Rahe. Porém, em 2004, por Decreto do Prefeito André Puccinelli, a feirona foi transferida para a Esplanada Ferroviária. A feirona organiza a Festa do Peixe e o Festival do Sobá. A maioria dos feirantes são descendentes de japoneses da cidade de Okinawa. A feira comercializa quase tudo, do artesanato local, passando para a alimentação e fechando com produtos do Paraguai. É um ponto de encontro das famílias e turistas.

- 4. 1ª CAIXA D'ÁGUA** –

- 5. CASA BAIANA** –

- 6. PEDRA** - Fundada na Avenida Afonso Pena, entre as ruas 13 de maio e 14 de Julho, meados da década de 60 e início da década de 70, era o ponto de compra e venda de automóveis usados. Foi transferido para abaixo da linha férrea na própria Avenida Afonso Pena, por determinação do prefeito da época. A Pedra permaneceu no mesmo local até 2012. Hoje ocupa provisoriamente a plataforma desativada do terminal de ônibus urbano anexo à antiga estação rodoviária.
- 7. DISTRIBUIÇÃO DE JORNAIS** – Iniciou no fim da década de 70, começo de 80. No cruzamento da Avenida Afonso Pena e Rua 14 de julho. Os jornais eram entregues de graça para quem passava de carro ou mesmo a pé pela confluência das ruas. Eram entregues todos os domingos de manhã. O primeiro jornal a ser distribuído gratuitamente foi o Independente, depois A Crítica, Jornal de Domingo, Boca do Povo, Jornal da Cidade, entre outros exemplares e com propagandas no seu interior.
- 8. BAR DO ZÉ** – nos anos 40, era o Café Suave, foi propriedade da família Zahran. Depois bar e restaurante do sr. Ariosto, que vendeu o local para Joaquim Janjão. Em 13/03/1953, foi vendido para o sr. Kintoko Okama, que conservou o antigo nome dado por Ariosto e Joaquim – Bar São Jorge. Sr. Kintoko falece em 1957, e o bar passa a ser administrado pela família Okama, tendo à frente a sra. Hatso Kanashiro Okama (D. Maria) e seu filho José Y. Okama (Zé), auxiliados por outros irmãos menores.
- 9. FOOTING** – O footing, ou seja, o caminhar na Rua 14 de julho, na década de 50, era um encontro social de todas as gerações e classes sociais. Acontecia na Rua 14 de julho aos domingos à tarde e prolongava-se até as 21 horas, a juventude se reunia sempre com uma banda, que executava valsas e mazurcas, as chamadas retretas.
- 10. PRAÇA DA BOLÍVIA** – Teve suas atividades iniciadas em 2005. Foi inaugurada, com a presença do Consul Boliviano, residente em Campo Grande, Antonio Mariaca, pois o mesmo tinha vontade de expor para conhecimento a cultura boliviana,



para população campo-grandense. No ano de 2015, através de um Projeto de Lei, do Vereador Eduardo Romero, a Praça da República da Bolívia, tornou-se um elemento a mais no circuito cultural de Campo Grande.

11. AÉRO RURAL –

12. FAZENDA RANCHARIA – De propriedade do Sr. Anísio de Barros (dentista por profissão), tinha solo arenoso, pobre e ficava nos arredores de Campo Grande. Efetivou-se como um sítio para recreio de famílias de fins de semana, alugava para festas e churrascos, dotando-a de benfeitorias, de bom gosto e funcionalidade. Hoje a Fazenda Rancharia é de propriedade da Damha Construtora.

13. COMUNIDADE TIA EVA – Formado pela ex-escrava Eva Maria de Jesus, natural de Mineiros/GO. Construiu uma Igreja, em homenagem ao Santo de sua devoção, São Benedito. No início do século XX, chega a Campo Grande e cumprindo a promessa constrói a Igreja. O quilombola da Comunidade São Benedito “Tia Eva”, fazendo parte todas as descendentes dessa ex-escrava.

14. HORTO FLORESTAL – O Parque Florestal Antônio de Albuquerque, também conhecido como Horto Florestal, teve sua história iniciada em 1912, quando o Intendente José Santiago reservou a área com vegetação característica e dois braços de córregos que ali se juntavam para formar o rio Anhanduí. Em 1995, após ampla reurbanização, o Parque passou a contar com dependências para administração e biblioteca, orquidário, teatro de arena, pistas esportivas, espelho d’água e área de lazer, além de espaço para oficinas de arte. Com área atual de 4,5 hectares e localizado na Região Urbana do Centro, o Horto é parte integrante do setor histórico da cidade, tendo em suas imediações importantes referências do patrimônio de Campo Grande.

15. VAI OU RACHA – Localizava-se no fim da Rua 14 de Julho, quase esquina com a Avenida Euler de Azevedo, no Bairro São



Francisco, onde hoje é a Drogasil. O Vai ou Racha, já foi um estabelecimento mais importante, conhecido e frequentado por campo-grandenses. Era um armazém que vendia de tudo, de botas, selas, até pinga, vendia no atacado para os comerciantes locais, para algumas cidades do interior e fazendas da região. A mercadoria vinha por trem de São Paulo. Teve um único dono, Sr. Luziano dos Santos, abrindo esse estabelecimento comercial, na década de 50 e fechando as portas na década de 80. Sua fachada era famosa, pois predominava as cores amarelo e vermelho.

16. GRUTA BAIANA – esquina da Rua 14 de julho com a Rua Barão do Rio Branco, onde hoje é a lojas Riachuelo, era um armazém de secos e molhados e tinha o nome de Casa dois Irmãos. Vendia de tudo: comestíveis, louças, roupa, chapéus, botas, ferramentas, armarinhos, como quase todas as lojas da época. O imóvel e a loja pertenciam a Kalil e Alfredo Naban. Sua construção é de 1921.

17. CASA DO MANOEL DE BARROS – Manoel Wenceslau Leite de Barros, renomado poeta, nasceu em 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá. Morou em Campo Grande, onde faleceu em 13 de novembro de 2014. Formado em Direito, poeta desde a juventude, teve sua obra publicada em várias partes do mundo. A originalidade e beleza de seus trabalhos fizeram com que ganhasse inúmeros prêmios e fosse considerado um dos maiores poetas brasileiros.

18. ROCIO - O rocio da época de 1909 equivale ao termo de hoje conhecido como Perímetro Urbano de Campo Grande. Na primeira década deste século, pela Resolução nº21, de 18 de junho de 1909, foi elaborada e aprovada a primeira planta urbana da cidade, feita pelo Engenheiro Nilo Javary Barém, com lotes numerados de 01 a 382, onde traçava os primeiros passos para o ordenamento do crescimento urbano. A trama urbana, era composta das seguintes vias "do Sul ao Norte" : Rua Afonso Pena (atual 26 de agosto); Rua 7 de setembro; Rua 15 de novembro; Av. Marechal Hermes (atual Afonso Pena) e Rua Barão do Rio Branco; "do leste para o oeste ": Rua José Antônio; Rua 15 de agosto (atual Padre João Crippa); Rua Pedro Celestino; Rua 24 de fevereiro (atual Rui Barbosa); Rua 13 de maio; Rua 14 de julho; Rua Santo Antônio; Rua Anhanduy e a Praça Marechal Hermes.